

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CF (FN) ROBERTO MEDEIROS QUINTELLA

DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS À GUERRA DO CIBERESPAÇO A
IMPORTÂNCIA DE CONQUISTAR CORAÇÕES E MENTES

Rio de Janeiro

2008

CF (FN) ROBERTO MEDEIROS QUINTELLA

DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS À GUERRA DO CIBERESPAÇO A
IMPORTÂNCIA DE CONQUISTAR CORAÇÕES E MENTES.

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CC Sérgio Vieira Reale

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2008

Ao meu filho Pedro, minha filha Marianna, minha esposa Denise e minha mãe Cirlei, razões da minha existência; e ao Comandante Prado, Comandante Oliveira, Comandante Reale e Capitão-Tenente (FN) Simioni, pela indispensável orientação e incentivo à realização deste trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	6
2.1	Realidade chinesa no período pré-revolucionário.....	6
2.2	Origem histórica dos fundamentos maoístas.....	7
3	OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS.....	10
3.1	Conceitos.....	11
4	GUERRA DO CIBERESPAÇO.....	14
4.1	Desenvolvimento tecnológico.....	15
4.2	Cenário prospectivo.....	18
5	CONCLUSÃO.....	20
	REFERÊNCIAS.....	21
	ANEXO A.....	24
	ANEXO B.....	25
	ANEXO C.....	26

1 INTRODUÇÃO

A China, no período entre as décadas de 20 e 30, vivia momentos conturbados, fruto da insustentável condição subumana em que vivia a sua população, mergulhada na pobreza e envolta na corrupção dos seus governantes.

A repressão imposta aos chineses e a perseguição incansável aos revolucionários, fez de Chiang Kai Shek um implacável governante que não mediu esforços a fim de obter a destruição dos seus adversários internos. Como alternativa às ações repressoras de Kai Shek, Mao, dotado de aguçada perspicácia, característica marcante de um grande líder, valeu-se desse contexto e difundiu no meio de suas tropas, o legado histórico das táticas da guerra de desgaste: “A guerra prolongada era promessa de exaustão do inimigo, se não militarmente, pelo menos em termos psicológicos, já que estava impossibilitado de chegar às vitórias velozes”. (SHY e COLLIER In, PARET, 2003, p. 500).

Com isso, Mao buscava infligir ao inimigo, por meio de um combate prolongado, baixas suficientes ao estabelecimento de um equilíbrio de forças, que pudesse compensar a sua inferioridade numérica e de meios. A vitória da guerrilha chinesa, materializa e dá contornos teóricos ao que hoje costumamos intitular de guerra assimétrica. (BOBBITT, 2003).

Aproveitando-se dos momentos de pausa nos combates, Mao treinava suas tropas e disseminava, ao longo do percurso da “grande marcha”¹, ensinamentos doutrinários e a sua visão da guerra de guerrilha, utilizando-se da sua legião de soldados propagadores do conteúdo do Livro Vermelho, a cartilha de Mao para a guerra revolucionária da China.

Com a propagação das teses revolucionárias o mundo viveu um novo período de movimentos insurgentes variando a amplitude e o grau de intensidade das ocorrências. Particularmente a partir da Guerra da Coreia (1950 - 1953) e da Guerra do Vietnã (1959 - 1975), a participação dos diversos tipos de mídia nos campos de batalha, inaugurou um novo espectro para a guerra, ao transformar-se na caixa de ressonância dos impactos psicológicos das ações, nos níveis de decisão dos conflitos. Essa nova ferramenta assume papel preponderante nos conflitos contemporâneos.

A tentativa incessante de empregar na guerra, meios militares e não militares que proporcionassem condições de uma vitória rápida, com o menor número de baixas e danos

¹ A grande marcha foi como ficou conhecido o movimento das tropas de Mao pelo interior da China, que possibilitou a mobilização e o recrutamento de camponeses para o engajamento na causa da Revolução Chinesa. (SHY e COLLIER In PARET, 2003, p. 500).

colaterais, contribuiu sobremaneira para a alavancagem da tecnologia militar, não obstante a ampliação do emprego de armas neoconcepcionais².

A monografia tem como propósito analisar a importância do componente psicológico, presente nas ações da doutrina de guerrilha de Mao Tse Tung e a sua influência na elaboração do conceito das operações psicológicas e das doutrinas militares subsequentes, em especial, a chamada “Guerra do Ciberespaço³”.

O trabalho será estruturado em seções: na primeira seção, serão apresentados os antecedentes históricos que corroboraram as ações de Mao por ocasião da Revolução Chinesa. Na segunda seção, serão abordados os conceitos de operações psicológicas e os seus desdobramentos. Na terceira seção, será enfocada a “Guerra do Ciberespaço” e apresentada uma visão da Guerra do Futuro.

Desta forma, será possível estabelecer parâmetros que auxiliarão a responder ao quesito proposto no tema, qual seja, se permanecem ou não válidos os ensinamentos da doutrina de guerrilha de Mao Tse Tung nos dias atuais.

² Armas neoconcepcionais - conceito apresentado pelos Coronéis Qiao Liang e Xiangsui (1999), segundo o qual devem ser considerados como armas todos os meios, inclusive aqueles que transcendam a ambiência militar e que possam ser usados em operações de guerra, dentro de uma perspectiva genérica de emprego. Sendo assim, tudo pode se transformar em uma arma, a variação estará condicionada a forma e ao modo de sua utilização.

³ Guerra do ciberespaço – modalidade mais recente de conflito que visa a saturação do espectro eletromagnético e o caos das estruturas institucionais de uma organização ou de um Estado. (LIANG e XIANGSUI, 1999)

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Dada a sua complexidade, a Revolução Chinesa (1930 – 1949) pode ser analisada por diversos prismas. Como fenômeno sociológico, podemos classificá-la como paradigmática, pois, não obstante a imensa dificuldade implícita na organização de uma população oprimida, carente e de dimensões continentais, conseguiu subverter valores e refutar a crença de que a massa proletária do campo seria capaz de promover uma revolução. Permaneciam fortes ainda, no século XX, os exemplos da Revolução Francesa (1789), caracterizada por ter sido uma insurreição intempestiva, e da Revolução Bolchevique (1917), marcada por um surpreendente golpe da Guarda Vermelha e dos marinheiros contra a Rússia czarista. (ALEXANDER, 1999; FULLER, 2002).

Atento à dinâmica da história da humanidade e, em particular, da conjuntura da China, Mao estruturou as suas convicções com base nas influências de grandes chefes e pensadores da arte da guerra, alguns dos quais serão abordados neste capítulo.

2.1 Realidade chinesa no período pré-revolucionário

A China, ao longo das décadas que antecederam o fim do Império, foi marcada por uma realidade conflituosa gerada pela imensa desigualdade, fome, agressiva repressão aos camponeses e o sentimento de humilhação que assolava o povo chinês, em decorrência da presença imperialista ocidental no seu território. A conjunção desses fatores veio a catalisar a efervescência do conturbado momento, cujas características insustentáveis fomentaram as condições necessárias ao levante popular. Logo:

[...] a adesão das massas camponesas chinesas às teses de Mao foi decorrente de dois fatores: inicialmente, o fracasso das políticas nacionalistas, que foram incapazes de promover o desenvolvimento, não obstante os vultuosos investimentos ocidentais; em paralelo, o segundo fator que cooptou as massas, foram as propostas apresentadas pelos comunistas abrangendo a reforma agrária, o fim da corrupção e a destituição dos déspotas que controlavam o campo. (BOBBITT, 2003 p. 467).

O Partido Comunista Chinês (PCC), surge como alternativa para condução dessa massa, indicando um caminho de libertação pela mudança do regime instituído. Fiéis ortodoxos dos princípios marxistas da revolução, acreditavam na força motriz do proletariado urbano como impulsionadores da revolução. Fracassaram na primeira tentativa em 1921, abrindo espaço para o crescimento de uma nova liderança, Mao Tse Tung, um dos fundadores do partido. (TSE TUNG, 1992; OLIVEIRA, 1965).

Visionário e idealista por convicção, Mao ratifica as teses do marxismo-leninismo como base teórica da revolução, porém, despe-se dos dogmas e desenvolve uma práxis autêntica, adequada à conjuntura da China do seu tempo, conforme analisa Bobbitt (2003): “o sucesso da guerra revolucionária depende, basicamente, da flexibilidade e da adaptação da doutrina às especificidades políticas, sociais, geográficas e psicológicas que tornam possível uma revolução”. Liderando a massa proletária camponesa que compunha a sua base, funda o Exército de Libertação Popular. Aí reside o ineditismo dessa revolução, que em seu cerne, difere fundamentalmente das revoluções anteriores, pois suas bases estavam ancoradas no proletariado rural.

A ditadura democrática popular baseia-se na aliança entre a classe operária, a classe camponesa e a pequena burguesia urbana, mas sobretudo na aliança operário-camponesa, pois essas duas classes constituem oitenta a noventa por cento da população chinesa. Essas duas classes são as forças principais para a derrocada do imperialismo e dos reacionários do Kuomintang. (TSE-TUNG, 2003, p. 41).

Por ocasião da chamada quarta campanha de extermínio, ordenada por Kai Shek, Mao retrocedeu e preparou a épica movimentação de tropas que ficou conhecida como “A Grande Marcha”, quando aproximadamente 40 mil homens do Exército Revolucionário buscaram refúgio nas montanhas de Shensi, percorrendo mais de 10 mil quilômetros pelo interior da China. (ALEXANDER, 1999).

Em um cenário de dificuldades impostas pelo clima e pelas características do terreno, Mao, em um período de trégua temporária, aliou-se a Kai Shek, quando então combateu e resistiu à invasão japonesa, ocorrida em julho de 1937. Mao ressaltou que:

A arma é um fator importante na guerra, mas não um fator decisivo. É o homem, e não as coisas, quem constitui o fator decisivo. A correlação de forças não é apenas uma correlação de poder militar e econômico, ela é também uma correlação de recursos humanos e força moral. (TSE TUNG, 1959, p.104).

2.2 Origem histórica dos fundamentos maoístas

O fenômeno guerra há tempos vem sendo estudado, e os grandes chefes e estudiosos das doutrinas militares buscam a cada consideração, materializar e transformar em uma realidade prática, conceitos que resistem ao tempo. Na sua obra “A Arte da Guerra”, Sun Tzu defendia que: “A obtenção de cem vitórias em cem batalhas não é o expoente da excelência. Subjugar o exército inimigo sem combater, constitui o verdadeiro expoente da excelência”. Nesta mesma linha de pensamento, Mao atacava os pontos fracos do inimigo,

atingindo-o na sua retaguarda, a fim de que o desgaste e as perdas, o compelsse a desistir do combate.

Ao analisar os feitos napoleônicos e os passos dados por Mao na Guerra Revolucionária da China, observam-se traços de congruência. Senão vejamos, o que ensina Fuller (2002), a respeito dos pensamentos de Napoleão:

Como a autoridade de um governo, seja qual for a sua natureza, baseia-se na força física, o objetivo básico de uma revolução é conseguir o apoio ou desintegrar as forças armadas. [...] No segundo, ela estabelece a anarquia [...] a consequência normal é orientar para o exterior a energia gerada pela anarquia, sob forma de guerra externa. Esta, por seu turno, une o povo e, normalmente, conduz ao estabelecimento de um regime coercitivo que, com o apoio integral dos militares, toma o lugar do governo primitivo. (FULLER, 2002, p. 65).

Sobre o mesmo tema, o pensamento de Mao parece se coadunar com o de Napoleão, ao afirmar que “[...] A revolução é uma insurreição, é um ato de violência pelo qual uma classe derruba a outra”. (TSE TUNG, 1927. p.57).

Para Mao a conquista de corações e mentes do povo, é o ponto central no desenvolvimento de uma doutrina revolucionária. Tal postulado encontra apoio no pensamento clausewitziano, que na obra “Da guerra”, apresenta conceitos importantes para a presente análise. Ao formular os principais objetivos da guerra, Clausewitz define: “vencer e destruir as forças armadas inimigas; apossar-se dos elementos materiais de agressão do exército inimigo; e conquistar a opinião pública”⁴. Esses preceitos em muito se assemelham às teses de Mao.

Em uma de suas obras intitulada “A situação atual e as nossas tarefas”, Mao apresenta os princípios militares da revolução, forjados no fragor dos embates entre o Exército Popular de Libertação e os inimigos internos das tropas de Kai Shek, quais sejam:

- 1) atacar primeiramente as forças dispersas e isoladas do inimigo, e atacar depois as suas forças;
 - 2) tomar primeiramente as cidades pequenas e médias, depois as grandes cidades;
 - 3) ter como objetivo principal o aniquilamento das forças vivas do inimigo e não a conservação ou tomada de uma cidade ou território[...];
- [...]

⁴ A referência diz respeito aos volumes e páginas das edições de On War, Livro I, de autoria de Clausewitz, revista pelo Coronel F.N Maude e publicada em 1908. CLAUSEWITZ, 1911, p. 91.

- 9) recompletar as nossas forças com todas as armas e a maior parte dos efetivos capturados ao inimigo. As fontes principais de homens e materiais para o nosso exército estão na própria frente. (TSE TUNG, 2003, p. 78)

Para Clausewitz: “a influência total dos habitantes de um país está longe de ser insignificante. Tudo vai melhor em nosso próprio país, desde que não encontre oposição do sentimento geral da população”. Os pensamentos de Clausewitz e Mao se assemelham em outros conceitos como podemos verificar nestas citações da obra *Da guerra*: “A guerra é um ato de violência destinado a obrigar o adversário a fazer a nossa vontade”⁵. Ressalta ele ainda que, as guerras devem diferir de acordo com “a natureza dos motivos e as circunstâncias que as provocam”⁶ e que “[...] a conduta da guerra é, assim, a própria política, que empunha a espada em lugar da pena, mas não cessa, por isso de pensar com suas próprias leis”⁷.

Por sua vez, sobre o mesmo tema, destaca-se o pensamento de Mao, citado por Lin Piao no *Livro Vermelho*: “O princípio de usar métodos distintos para resolver contradições distintas, é um princípio que os marxistas-leninistas devem observar rigorosamente”. Ressalta ainda: “Todos os comunistas devem compreender a seguinte verdade: o poder político nasce do fuzil”

Partindo-se das análises apresentadas, é possível concluir que são fortes os indícios da influência de Sun Tzu, Napoleão, Clausewitz, nos pensamentos de Mao, e que a adaptação à realidade chinesa, foi a maior demonstração de que a validade de um conceito está diretamente relacionada à capacidade de seu líder, de entender a natureza do conflito e aplicá-lo oportunamente, de acordo com a sua conveniência e necessidade.

Nota-se assim, que o constructo teórico que fundamenta a obra de Mao, o qual enfatiza a importância do aspecto mental, tanto das próprias forças, quanto do inimigo, encontra-se presente nas obras de outros autores clássicos, cujo valor do conjugado povo, governo e forças militares, perfeitamente integrados e agindo com sinergia, merece papel de destaque. Posteriormente, a edificação desta teoria em bases científicas, consolidou o embrião daquilo que hoje denominamos de Operações Psicológicas.

⁴ As referências dizem respeito aos volumes e páginas das edições de *On War*, Livro I, de autoria de Clausewitz, revista pelo Coronel F.N Maude e publicada em 1908. CLAUSEWITZ, 1952, p. 73.

⁶ *Ibidem*, p. 25.

⁷ *Ibidem*, p. 35.

3 OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

As Operações Psicológicas têm sido realizadas em diversos conflitos armados e, ao longo dos anos, vêm assumindo contornos diferenciados e muitas vezes decisivos. A crescente evolução do combate em todas as suas ambiências, suscita abordagens cada vez mais detalhadas e complexas, as quais não se limitam às análises dos elementos tangíveis, e enfocam de maneira significativa, os elementos intangíveis. Neste mister, as Operações Psicológicas encontram amplo campo de atuação, na busca de influenciar a liderança, a opinião pública, a vontade de lutar, a coesão das alianças, o moral e a disciplina, entre outros. (LIANG e XIANGSUI, 1999; WALZER, 2003).

3.1 Conceito

Em seu espectro mais amplo, as Operações Psicológicas podem ser classificadas, segundo o Exército Brasileiro, com sendo: “atividades que envolvem o conjunto de ações, de qualquer natureza, destinadas a influir nas emoções, nas atitudes e nas opiniões de um grupo social, com a finalidade de obter comportamentos predeterminados”. Em tempo de guerra, tais ações compreendem “um conjunto de atividades psicológicas planejadas e executadas com vista a obter o apoio da opinião pública, enfraquecer a vontade de lutar do adversário e contrapor-se à propaganda adversa”. (BRASIL, 1998).

Dada a sua relevância os conceitos que norteiam a teoria são constantemente objetos de estudos. Conforme descreve o Tenente-Coronel Steven Collins⁸ a doutrina de guerra dos Estados Unidos da América (EUA), intitula as operações desta natureza como sendo, Operações de Gestão da Percepção ou PSYOPS. A gestão da percepção inclui todas as ações usadas para influenciar as atitudes e o raciocínio objetivo das opiniões públicas estrangeiras e consiste em: Diplomacia Pública, Operações Psicológicas (PSYOPS), Informação Pública, Decepção e Ação Encoberta. (COLLINS, 2001).

O professor Marcos Coimbra⁹ em artigo intitulado: “Operações Psicológicas, Corações e mentes”, publicado em 2007, apresenta importantes contribuições para a

⁸ O Tenente-Coronel Steven Collins foi o chefe das PSYOPS na Divisão de Operações do Quartel-General Supremo das Potências Aliadas na Europa (SHAPE) em Mons, Bélgica.

⁹ Marcos Coimbra é Professor Titular de Economia na Universidade Candido Mendes, Professor na UERJ e Conselheiro da ESG.

delimitação do presente trabalho, ao definir as diferenças entre as ações psicológicas, escopo do constructo teórico de Mao, e a guerra psicológica. Define o autor:

Operações Psicológicas são as operações que incluem as ações psicológicas e a guerra psicológica. Compreendem as ações políticas, econômicas, psicossociais e militares, planejadas e conduzidas para criar num grupo (inimigo, hostil, neutro ou amigo) emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução dos objetivos nacionais. É importante distinguir a diferença entre ação psicológica e guerra psicológica. A ação psicológica é a ação que congrega um conjunto de recursos e técnicas para gerar emoções, atitudes, predisposições e comportamentos em indivíduos ou coletividades, favoráveis à obtenção de um resultado desejado. A guerra psicológica caracteriza-se pelo emprego planejado da propaganda e da exploração em outras ações, com o intuito de influenciar opiniões, emoções, atitudes e comportamento de grupos adversos ou neutros, de modo a apoiar a consecução dos objetivos nacionais. (COIMBRA, 2007, p. 3).

O emprego ostensivo das Operações Psicológicas por parte de alguns Estados, ainda apresenta limitações legais. Segundo a Major Ângela Maria Lungu, do Exército dos EUA, a facilidade de acesso e a forma barata com que se manuseia a ferramenta informacional, conduzem ao entendimento de que cada vez mais seja desejável a busca de flexibilização das leis que restringem o emprego das Operações Psicológicas neste tipo de mídia. “A Internet é uma extensão inevitável do campo de batalha e seu emprego na guerra como um elemento crítico das operações psicológicas é essencial”. (LUNGU, 2003, p. 45).

Percebe-se então, que as ações psicológicas visam preservar a capacidade combatente da própria força, por meio da elevação ou manutenção do seu moral, motivados por crenças, aspirações e até ressentimentos, estando voltadas assim, para um público alvo amigo. A propaganda cresce de importância, bem como o estabelecimento de uma idéia-força, nucleada em torno de um tema impactante. Essa peculiaridade foi bem explorada nas campanhas da guerra revolucionária da China. Em uma primeira fase, o objetivo era o convencimento da população acerca dos motivos da guerra, para então, em outro momento, já fortalecido e preparado, executar a ofensiva final e tomar o poder. A expressão “conquistar corações e mentes”, deriva então dessa percepção, que influenciou líderes e mostrou-se decisiva em conflitos subsequentes. (DELMAR, 1975; TSE TUNG, 1992).

As conseqüências dos acontecimentos que levaram à alteração das estruturas de poder da China, com a vitória da revolução de Mao (1930 – 1937), não só trouxeram repercussões no cenário local, como induziram tomadas de decisões políticas e econômicas, no entorno estratégico das grandes potências, particularmente, França e Estados Unidos da América (EUA), com reflexos nas suas zonas de influência na Europa, Ásia e África. (MAGNOLI, 2008).

Os instrumentos empregados para o convencimento, nem sempre pacíficos, compunham um cenário de pragmatismo e terror. Por vezes, a adesão às causas revolucionárias se dava pela força. A participação na causa revolucionária era entremeada por singular violência e intolerância. Este rito já observado nas campanhas de Tito (1942-1965) na Iugoslávia, veio a se repetir nas guerras revolucionárias da Argélia (1954-1962), da Indochina (1946-1954). (KEEGAN, 2006).

Difícilmente será possível em qualquer lugar do mundo de hoje, obter apoio racional para a opinião de que a guerra é uma atividade justificável. O entusiasmo do Ocidente pela Guerra do Golfo (1990-1991), dissipou-se em poucos dias, quando foram apresentadas as provas visuais da carnificina que provocara”. (KEEGAN, 2006, p.89).

As sucessivas derrotas francesas e estadunidenses nas guerras do Vietnã, sinalizaram para os mais desprovidos de grande poder militar e recursos tecnológicos, que a obtenção do sucesso nas guerras de libertação, estaria condicionada à mobilização e a motivação para defender um ideal. Com efeito, verifica-se o aumento de movimentos insurgentes nas colônias francesas na África e a crescente expansão do comunismo pelo mundo. (MAGNOLI, 2008).

Com a eclosão desses conflitos, um novo ator é incorporado ao cenário das guerras, a mídia mundial que, interagindo com as ações do combate, dissemina para o mundo por meio dos principais canais de comunicação, quase em tempo real, a cinemática da guerra e os seus bastidores. Esse novo componente, com o passar do tempo, passa a integrar o planejamento das ações militares, balizando suas possibilidades e limitações. A propaganda ostensiva é utilizada com principal ferramenta de divulgação de idéias e também como moderadora da violência, no sentido clausewitziano, ao ponto do presidente dos EUA Dwight Eisenhower descrever a radiodifusão como o quinto poder. (AGUILLAR, 2002).

Este viés revolucionário espalhou-se e influenciou diversos povos, acirrando ainda mais o enfrentamento que marcava o período da Guerra Fria (1947 – 1991). A conjugação de novas tecnologias, com o recrudescimento das divergências ideológicas dos dois blocos dominantes, quais sejam, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os EUA, fez com que a constante ameaça do emprego de artefatos nucleares de destruição em massa, se tornasse o foco das discussões nesse período. (HOBSBAWM, 2007).

A dissuasão e não a guerra de atrito, era a estratégia adequada, pois as conseqüências decorrentes do enfrentamento no campo de batalha, empregando-se as armas disponíveis (inclusive as nucleares), seriam inaceitáveis. Paradoxalmente, em que pese o

período representar uma fase de desenvolvimento de novos armamentos cada vez mais eficazes com a possibilidade de causarem menos danos colaterais, o que se viu foi o crescimento das relações diplomáticas que se tornaram cada vez mais ríspidas. Essas relações repousavam sob o “guarda-chuva” de uma “paz armada” que marcou a Guerra Fria (1947 – 1991), onde cada uma das partes hegemônicas, buscava consolidar e ampliar a sua área de influência, por meio de propaganda ideológica, pressão econômica e militar (CARVER In, PARET, 2003; HOBBSBAWM, 2007).

A hipótese da guerra ilimitada parecia não ganhar força, em que pese as graves crises que quase a levaram a termo, como a crise dos mísseis de Cuba (1962). As guerras limitadas, materializadas pelos conflitos de baixa intensidade, predominantemente intra-estatais cresceram por todo o mundo numa proporção ainda não vista (Anexo B). Tal fato só veio a ser minimizado com o fim da URSS em 1991. (HOBBSBAWN, 2007, BRECKE, 2008).

Conclui-se que a dissuasão estratégica foi amplamente utilizada e a propaganda a ferramenta de materialização das idéias fomentadas nesse contexto, cujas inserções nos níveis de condução da guerra, variaram na intensidade e na forma, à medida que se moviam as “peças do xadrez” dispostas no tabuleiro do Teatro de Guerra. Finda a Guerra Fria (1947 – 1991), com o término da URSS (1991), uma nova ordem mundial se configura. (SILVA, 2008).

Ao analisarem o papel da mídia na Guerra do Golfo (1990-1991), Liang e Xiangsui (1999) afirmam que a transmissão da Guerra em tempo real, ou seja, “o efeito CNN”, como ficou conhecido, trouxe para o cenário mundial uma nova percepção da guerra, tornando-se naquele conflito parceiro inseparável dos decisores, “Depois que a ‘Tempestade no Deserto’ varreu o Golfo, não será mais possível confiar apenas na força militar, sem que ocorra o envolvimento da mídia”¹⁰.

Como exemplo categórico do emprego das Operações Psicológicas na atualidade, a “Operação Tempestade no Deserto” (1990-1991) nos empresta singular contribuição. Após um bombardeio estratégico, aeronaves dos EUA lançavam panfletos em regiões distantes, informando às tropas iraquianas que eles seriam os próximos alvos. Segundo Liang e Xiangsui: “essa ação isolada foi suficiente para provocar um colapso. [...] prisioneiro de guerra, um Comandante de Divisão iraquiano admitiu que: o impacto da Guerra Psicológica no moral do Iraque, só foi superado pelo bombardeio realizado pelas forças aliadas”¹¹.

¹⁰ Liang e Xiangsui, 1999, p.184.

¹¹ Liang e Xiangsui, 1999, p.203.

Como ensina Mao, a realidade do conflito é temporal e circunstancial. O emprego do mesmo aparato militar dotado de alta tecnologia, não foi suficiente para resolver o problema militar subsequente na mesma região, ocorrido no ano de 2003. Nota-se a imensa dificuldade que a “panóplia militar” estadunidense vem encontrando na segunda Guerra do Iraque (2003-), frente a uma guerra assimétrica, nos moldes preconizados por Mao Tse Tung, que se prolonga e mina o Centro de Gravidade dos EUA, trazendo à tona a lembrança dos sacos pretos, surgidos no conflito do Vietnã. (SILVA, 2008).

Portanto, fatos que episodicamente marcaram a história da humanidade, corroboram a visão do pleno emprego das Operações Psicológicas nos conflitos e denotam que tal ferramenta vem, ao longo do tempo, sendo aperfeiçoada quanto ao seu emprego, agregando aos seus conceitos, novos cenários. Entretanto, abrem um novo horizonte para o terrorismo catastrófico, potencializado pela impactante cobertura dos meios de comunicação.

4 GUERRA DO CIBERESPAÇO

As mudanças ocorridas nas duas últimas décadas no cenário mundial foram emblemáticas. E na esteira deste processo de alterações, os conflitos armados são partes integrantes, e por vezes fomentadores, da evolução tecnológica que permeia os mais significativos fatos sociais, dos quais as guerras encontram-se inseridas.

O fim do mundo polarizado, centrado nas superpotências hegemônicas, EUA e URSS, não pôs fim à efervescência dos conflitos mundiais (HOBBSAWM, 2007). Segundo Liang e Xiangsui (1999) a segunda Guerra do Golfo (1990-1991) destaca-se por ter sido “a guerra que mudou o mundo” e particularmente por ter modificado “a natureza da guerra”. Entretanto, não são suficientes os indícios que sinalizem os destinos dos conflitos, a partir de então. Dizem esses autores que a única certeza é de que nada será como antes, e as sociedades deverão se adaptar às novas modalidades da guerra.

O ataque financeiro realizado por George Soros no sudeste asiático, os ataques terroristas conduzidos por Osama Bin Laden às embaixadas norte-americanas o ataque com gás Sarin, no metrô de Tóquio, realizado pelos discípulos de Shinri Kyo e a devastação causada por Moris Jr. na Internet, são eventos cujos graus de destruição são comparáveis aos de uma guerra. São eventos que representam uma forma embrionária de um novo tipo de guerra. (Liang e Xiangsui, 1999, p. 6).

Os atentados contra as torres do World Trade Center (2001) e a segunda Guerra do Golfo (2003-), corroboram a visão prospectiva apresentada pelos autores da obra Guerra

além dos limites, em que pese a mesma ter sido escrita mais de dois anos antes dos fatos aludidos.

No presente capítulo serão analisados os avanços tecnológicos no cenário contemporâneo das guerras e em particular a guerra do ciberespaço, apresentando ainda perspectivas dos conflitos nesta nova dimensão.

4.1 Desenvolvimento tecnológico

No cenário pós-moderno, onde as tecnologias apresentam-se como diferenciais, não se deve imaginar que as mesmas sejam privilégios de superpotências econômicas ou militares. O conhecimento tecnológico em um mundo globalizado, deixa de ser monopólio de um grupo específico, tornando-se acessível, tanto a um cidadão comum, quanto a grupos insurgentes. Assim, é compreensível que o ônus e o bônus desse avanço tecnológico sejam também compartilhados, e uma nova modalidade de guerra ganhe forma. Esse novo *modus faciendi*, que incrementa e fomenta a guerra assimétrica, foi analisado pelo professor Francisco Carlos Teixeira:

[...] uma guerra travada através de meios não-militares - insere-se nas táticas da guerra assimétrica, conforme aparece na obra "Guerra Sem Limites" (**sic**) dos coronéis Qiao Liang e Wang Xiangsui. [...] as observações da evolução dos conflitos depois de 1991 (e inclusive algumas práticas já existentes no âmbito da Guerra Fria) ganham uma contextualização ampla, surgindo como um embate planetário pela hegemonia mundial, travado com meios militares (só se necessário e em última possibilidade), com militares não-convencionais e com outros meios (uma larga e nebulosa expressão), não militares, de forma permanente. (SILVA, 2004, p.125).

Partindo-se da premissa corroborada por Qiao Liang, uma guerra que assuma características de guerra irrestrita, tem como única regra não possuir regras e que neste cenário nada é proibido. Percebe-se a dificuldade que forças, mesmo militarmente superiores, podem encontrar para se opor a uma ameaça de natureza assimétrica. Ou seja, os mais fortes criam as regras para serem violadas pelos mais fracos, que exploram vulnerabilidades não previstas.

Cresce de importância um profundo conhecimento das possibilidades e limitações das forças envolvidas em um conflito, com vista à adequação a esse novo cenário, em que as Operações Psicológicas e o domínio da tecnologia cibernética, são elevados da condição de coadjuvantes, a elementos indispensáveis à condução das operações de guerra.

A tecnologia cibernética, por si só, não garante sucesso em campanhas militares, nem é um modelo definitivo que veio para substituir velhas tecnologias. A sua característica

intrínseca é a de promover a integração entre outras tecnologias. Logo, não faria sentido tratá-la como um substitutivo de recursos obsoletos. (LIANG e XIANGSUI, 1999).

Dessa análise advêm duas correntes doutrinárias, as quais contrastam exatamente na visão prospectiva: uma defende que podemos guerrear com as armas existentes, e a outra considera que precisamos desenvolver armas específicas para esta nova guerra. Na primeira, o argumento está calcado na tese de que o desenvolvimento das armas é que norteia o emprego e a evolução da tática. Essa evolução estaria ocorrendo com a transição do poder da pólvora para o poder da informação. A segunda corrente doutrinária, baseia-se no fato de que, inicialmente, é preciso determinar o modo de combate, para depois definir com qual arma se pretende lutar. Aí reside a vulnerabilidade latente do processo, qual seja, a pouca tolerância aos erros de planejamento, como se constatou na ação desencadeada pelos EUA na Somália, em que a alta tecnologia sucumbiu diante das milícias somalis. (LIANG e XIANGSUI, 1999).

O conceito maoísta de respeito à natureza da guerra, evidencia um alinhamento com a segunda tese supracitada, pois a guerra planejada por Mao, era moldada pela realidade chinesa daquela época, cujo enfrentamento direto contra as forças de Kai Shek, não seria desejável. Dessa análise de Mao, estabeleceu-se o modo de combater, e a guerrilha, como instrumento de combate. O que não significa dizer que outras técnicas de combate, como por exemplo, os ataques convencionais, deixaram de ser executados em outras fases da campanha. (ALEXANDER, 1999). Assim como Mao, que considerava que a evolução dos conflitos, além de desejável seria inevitável, Liang e Xiangsui, concluem:

Seja qual for o nome atribuído a estas evoluções na ambiência da guerra, elas não nos tornam mais otimistas, e isto porque a redução da natureza da guerra, em sua essência, não significa o seu fim. Mesmo na chamada era pós-moderna, ou pós-industrial, a guerra não deixará de existir. Ela apenas irá permear a sociedade humana, de uma forma mais complexa, mais penetrante, encoberta e sutil. (LIANG e XIANGSUI, 1999, p. 6).

A guerra, que se submeteu às mudanças da moderna tecnologia e do sistema de mercado, será desencadeada valendo-se, cada vez mais, de formas ainda mais atípicas (Anexo C). Novas e surpreendentes maneiras de buscar-se alcançar objetivos políticos e estratégicos, estarão constantemente sendo testadas, motivadas por interesses diversos. Em outras palavras, enquanto observa-se uma relativa redução na violência militar, estamos evidenciando, definitivamente, um aumento na violência política, econômica e tecnológica. (LIANG e XIANGSUI, 1999).

É notório que a introdução nas guerras, de recursos tecnológicos altamente modernos, muitos dos quais acessíveis e prontos para serem empregados, desde já, altera a maneira como a guerra tem que ser vista, transformando-a no que alguns autores, como Castels e Toffler, passaram a denominar: “guerra da quarta dimensão”.

A tecnologia cibernética representa a mais importante revolução na história da ciência. A sua relevância manifesta-se na fluidez com que permeia as barreiras existentes entre diversas tecnologias, interligando-as e produzindo um novo efeito, até então inimaginável. Surge assim uma nova dimensão para a guerra: segundo Liang e Xiangsui:

“A verdadeira mudança revolucionária no campo de batalha, decorre do que poderíamos chamar de ‘espaço não natural’”. O entendimento desse conceito é vital para a compreensão do novo rumo que o combate passa a seguir, pois dele advirá a capacitação criativa para explorá-lo. “Neste espaço tecnológico, dimensão, peso, terra, mar e espaço cósmico, perdem o seu significado”. (LIANG E XIANGSUI, 1999, p. 47).

Percebe-se assim, que a possibilidade de influência no espaço convencional a partir de ações remotadas, provenientes do “espaço tecnológico”, empregando tecnologia cibernética, suscita a preparação de novos soldados, novos sistemas e novos conceitos para entender e interagir nesta guerra.

A recente guerra envolvendo a Federação Russa e a Geórgia (2008), aponta para a interferência de ações de “hackers” que, violando os centros de comando e controle, serviços de infra-estrutura e economia, espalharam a desordem e instalaram o caos, cujos reflexos psicológicos atingiram diretamente as estruturas de poder, bem como a população civil¹².

Na época da Guerra Fria, as pressões psicológicas ocasionadas pela eminência de uma detonação de um artefato nuclear, influenciavam significativamente as decisões do nível político. Hoje, portanto, ainda que de outra forma, a busca de uma guerra em que as perdas humanas e os danos colaterais sejam minimizados, é uma tendência, fruto das pressões de um mundo globalizado, em que a opinião pública é cada vez mais um ator influente a ser considerado. (CARVER In PARET, 2003; HOBBSAWM, 2007).

O conceito de “armas neoconcepcionais” apresentado pelos Coronéis Qiao Liang e Xiangsui (1999), conduz a uma reflexão importante. Para os autores, tais armas têm uma perspectiva genérica de emprego englobando todos os meios, inclusive aqueles que

¹² Sítios em que foram realizadas as pesquisas e que corroboram as informações. Acessado em 12 ago 2008: <http://br.reuters.com>; <http://br.tecnologia.yahoo.com/article/11082008/5/5noticias-tecnologia-georgia-diz-hackers-russos-bloquearam-sites-governo.html>; http://g1.globo.com/noticias/mundo/o_mul719809-5602,00.html <http://www.uol.com.br>.

transcendam a ambiência militar e que possam ser usados em operações de guerra. Sendo assim, tudo pode se transformar em uma arma. Neste sentido, o processo tecnológico tenderá a nos levar a ampliação do raciocínio, rompendo os conceitos de armas tradicionais. Nota-se assim, que o diferencial será a concepção de emprego da arma e não a tecnologia.

Constata-se porém, que essa assertiva feita em 1999, não foi observada pelos EUA, por ocasião das ações terroristas desencadeadas contra o World Trade Center (2001).

Ampliando ainda o conceito, citam os autores que:

a indução de um colapso de um mercado acionário, a contaminação de uma rede de computadores por vírus, um rumor ou escândalo que resulte na flutuação de câmbio ou a exposição comprometedora de um líder de um país, constituem ações de armas neoconcepcionais. (LIANG e XIANGSUI, 1999, p. 268).

4.2 Cenário prospectivo

Dada a nova forma em que se encontra engendrado o Sistema Internacional, desde o fim da “Guerra Fria”, parecer pouco provável a ocorrência de conflitos globais. Entretanto, analistas prevêem que a tendência belicista esteja restrita a conflitos de baixa intensidade, motivados pela disputa limitada entre Estados ou por grupos insurgentes atuando de forma autônoma. Não obstante, a demanda por armamentos mais sofisticados, dotados de elevado poder letal e controlados por moderna plataforma tecnológica, parece ser a irreversível tendência. (HOBSBAWN, 2007; ALEXANDER, 1999, RAMONET, 2002).

Sobre o mesmo tema, Silva (2008) apresenta uma visão que conduz a um similar entendimento. No novo século, o cenário mais provável é de uma guerra constante pela hegemonia mundial, travada principalmente através de mecanismos e instrumentos econômicos, cibernéticos e mediáticos, escalando episodicamente para o enfrentamento militar convencional e não-convencional:

as novas ameaças em sua essência caracterizam-se por ter origem em entidades desprovidas de características típicas do Estado-Nação, tais como território e população. E que, dessa forma, os agentes capazes de infligir ameaça se sentem mais livres para agir, pois a ação de revide a qualquer ato causador de insegurança terá dificuldade em estabelecer um alvo claro e definido. Surge então o que chamamos de Estados-rede, uma entidade de novo tipo, típica da era da informação[...]. As chamadas novas ameaças são mais difusas, furtivas e flexíveis do que o jogo tradicional nas relações internacionais”. (SILVA, 2004, p.111).

De certa forma, o argumento apresentado por Silva (2008) confronta o desenvolvimento tecnológico aplicado às esferas militares com o paradoxo do sucesso das guerras assimétricas e de guerrilha. A análise dos conflitos do Iraque, Afeganistão, as guerras

de libertação africanas e da América Central, como exemplos, nos induzem ao entendimento de que a guerra assimétrica e a guerrilha tendem a permanecerem vivas. Tal fato é corroborado pelas relações estabelecidas entre as potências econômicas e militares e os demais Estados, permeadas e agravadas pelo fundamentalismo religioso e as diferenças culturais e socioeconômicas, cada vez mais acirradas pela ampliação do número de “Estados Falidos” (Anexo A)¹³. (SILVA, 2008)

Desde a Guerra do Vietnã, tanto os militares quanto o povo dos EUA, têm sido bastante sensíveis às perdas de vidas em operações militares. A redução do número de baixas e a consecução dos propósitos da guerra, tornaram-se metas de mesmo valor para os militares estadunidenses. O soldado norte-americano comum que está nos campos de batalha arriscando sua vida, transformou-se no bem mais valioso da guerra. Os potenciais inimigos dos norte-americanos, provavelmente já visualizaram o segredo do sucesso: se não existem meios para derrotar essa força militar, então deve-se buscar atingir os seus soldados. Este aspecto pode ainda ser evidenciado, de forma inequívoca, nos relatórios do Congresso norte-americano, ao enfatizar que: “a redução do número de vítimas é o propósito mais elevado na formulação do plano de guerra”. (LIANG e XIANGSUI, 1999; CURREY, 2002).

5 CONCLUSÃO

Os conceitos propostos por Mao, redundam da combinação de aguçada percepção de um contexto temporal específico com o conhecimento de teses vitoriosas de grandes pensadores, que traduziram em fatos e relatos a sabedoria das mentes de suas épocas. Percebe-se na obra de Mao Tse Tung, a influência marcante de Sun Tzu, Napoleão e Clausewitz, o que por si só o coloca no patamar de um grande líder de seu tempo.

Ao destacar dentre vários ensinamentos, a importância do envolvimento do povo, como condição básica de sucesso em uma Guerra Revolucionária, Mao deixa claro que, embora as armas sejam importantes, é a existência de um ente envolvido moralmente e convicto do ideal que defende, que vai ampliar o poder que a arma lhe confere e levá-lo a vitória. Logo, todo esforço deve ser feito para conquistar corações e mentes.

¹³ Conceito apresentado para definir os Estados cuja desorganização política, econômica e social favorecem ao estabelecimento de células terroristas. (HOBBSWAM, 2007). Localizado em Washington, D.C., o *Fund For Peace* é um instituto de pesquisa e educação, sem fins lucrativos, que trabalha com o intuito de prevenir a guerra. O Fund For Peace especializou-se no diagnóstico de detecção dos Estados Falidos, elaborando anualmente o *Failed States Index*, de modo a classificar os Estados segundo suas condições políticas, econômicas e sociais.

Deste paradigma, decorreram as ações com vista a envolver a massa camponesa chinesa, por meio da formação de um exército popular e revolucionário. A decisão estratégica de empregar as ações psicológicas, concomitantes ao esforço operacional e tático do exército que buscava desgastar, desencorajar e destruir seus inimigos, constitui a força motriz da sua tese revolucionária.

Com efeito, o sucesso da revolução chinesa influenciou o entorno estratégico da China e foi o estopim para diversos movimentos insurgentes pelo mundo, os quais tiveram forte influência da opinião pública, cuja participação da mídia e o seu aparato de propaganda, foram determinantes para o desfecho de alguns conflitos.

As Operações Psicológicas passam então a considerar a relevância desse novo ator empreendendo uma metodologia adequada a esse cenário. Em tese, tais operações podem ser divididas em: ações psicológicas, que dizem respeito às ações voltadas para nossas forças e a guerra psicológica, que está voltada às forças adversas, com a finalidade de retirar a sua vontade de lutar. Para tal, são empregadas todas as armas militares e não militares, com o fito de atingir esse propósito, cuja presença da mídia mostra-se indispensável e a propaganda a ferramenta mais eficaz.

Da interação entre as pressões da mídia, a preocupante ameaça nuclear e o desenvolvimento científico, surge o conceito de uma guerra tecnologicamente avançada, cujas ações compreendem: redução da letalidade das armas e a diminuição de danos colaterais, por meio de ataques precisos. Essa tecnologia integrada em uma dimensão cibernética, transforma todos os recursos disponíveis em um novo recurso, até então não empregado, com potencial para ataques aos centros militares de Comando e Controle, infra-estrutura de um Estado e de suas instituições financeiras, levando ao caos e a desestabilização do poder político e militar, com reflexos na população civil, que passa a exercer a pressão social.

Por fim, analisar a validade de um conceito ou a obra de um autor, não implica em aceitá-la na sua totalidade. O propósito deste trabalho de analisar a doutrina de guerrilha de Mao Tse Tung, sob a ótica dos impactos psicológicos das ações de combate, contribui para o entendimento de que a natureza dos conflitos, a sua evolução e a mutação dos cenários de guerra são temporais e circunstanciais, dependendo assim, da realidade local.

Destarte, mesmo que a natureza da guerra seja alterada, como parece ser o caso do novo tipo de guerra que se avizinha, calcado em alta tecnologia cibernética, as ações de guerra assimétrica, materializada pela guerrilha, cuja influência das teses de Mao permanece presente, continuarão a ter validade e tendem a se manter assim, enquanto existir um notório desequilíbrio entre forças combatentes beligerantes. Esta assimetria será caracterizada não só

pelo desequilíbrio de forças como também pela possibilidade de emprego bilateral de recursos tecnológicos e informacionais de última geração, com características neoconcepcionais, aliados à técnicas de combate irregular.

REFERÊNCIAS

AGUILLAR, Sergio Luiz Cruz. Comunicação social, propaganda, mídia e opinião pública no combate moderno. **A Defesa Nacional**. Rio de Janeiro, v. 792, n. 01/02, p. 97-112, jan/abr. 2002.

ALEXANDER, Bevin. **A guerra do futuro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999. 223p.

BOBBITT, Philip. **A Guerra e a Paz na História Moderna**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BONNET, Gabriel. **Guerras Insurrecionais e Revolucionárias**. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, 1963. 268p.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. Manual de Campanha: Operações Psicológicas. 3.ed. Brasília, 1999.

BRECKE, Peter. **Violent Conflicts 1400 A.D. to the Present in Different Regions of the World**. Atlanta: Georgia Institute of Technology, 1999. Disponível em: <www.inta.gatech.edu/peter/PSS99_paper.html>. Acesso em: 21 jul. 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005. 698p.

CLAUSEWITZ, Von Carl. **On War**. Tradução para o inglês de Colonel J. J. Graham. 2.ed London: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co. Ltda, 1911. 415p.

COIMBRA, Marcos. Corações e Mentes a influência nas Operações Psicológicas. Disponível em: <<http://www.samauma.bis/site/samauma/mc007operacoes.html>>. Acesso em: 14 maio 2008.

COLLINS, Steven. As conseqüências do Iraque: Gestão da percepção. Disponível em: <http://www.nato.int/docu/review/2003/issue2/portuguese/art4_pr.html>. Acesso em: 22 abr. 2008.

COSTA, Carlos Augusto. A Segunda Guerra do Golfo. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 124, n. 04/06, p.25-37, abr./jun. 2004.

CURREY, Cecil B. **Vitória a qualquer custo**: A biografia do General Vo Nguyen Giap. Tradução de Petrônio R. G. Muniz. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, 2002. 552p.

DELMAS, Claude. **A Guerra Revolucionária**. Tradução Marcio de Campos. Rio de Janeiro: Ed Press Universitaires de France, 1975. 122p.

FULLER, John Frederick Charles. **A conduta da guerra:** estudo da repercussão da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, da Revolução Russa, na guerra e em sua conduta. Tradução de Hermann Bergqvist. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002. 332p.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas.** 7.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 242p.

HOBBSBAWN, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo.** Tradução de José Viegas. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007. 182p.

INDEX, The Failed States 2008. **Index dos Estados Falidos.** Organização de educação e pesquisa não-lucrativa Fund for Peace. Washington, D.C., 2008. Disponível em: <www.fundforpeace.org/web/index.php?option=com_content&task=view&id=99&Itemid=140>. Acesso em: 20 jul. 2008.

KEEGAN, John. **Uma história da Guerra.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006. 543p.

LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. **Guerra além dos limites:** Conjecturas sobre a guerra e a tática na era da globalização. Pequim: PLA LITERATURE AND ARTS PUBLISHING HOUSE, 1999. 255p.

MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras.** São Paulo: Ed Contextos, 2008. 234p.

OLIVEIRA, Hermes de Araújo. **Guerra Revolucionária.** Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, 1965. 352p.

RAMONET, Ignácio. **Guerras do Século XXI:** Novos temores e novas ameaças. Petrópolis: Vozes, 2002.

SHY, John; COLLIER, Thomas W. Guerra Revolucionária. In: PARET, Peter (Org). **Construtores da Estratégia Moderna,** Tomo 2. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, 2003. Cap 11, p. 467-530.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et. al. **Enciclopédias de Guerras e Revoluções do Século XX.** As grandes transformações do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2004. 963p.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O fim da guerra fria e a nova ordem mundial. Rio de Janeiro, 2007. Aula ministrada no Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores na Escola de Guerra Naval, em 24 de abril de 2008.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. O Mundo, uma Guerra Depois: as relações internacionais depois da guerra do Iraque-II. **Revista Marítima Brasileira.** Rio de Janeiro, v. 124, n. 01/03, p.109-139, jan./mar. 2004.

TOFFLER, Alvin. **Guerra e antiguerra**: sobrevivência na aurora do terceiro milênio. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, 1995. 349p.

TSE TUNG, Mao. **O Livro Vermelho**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003. 224p.

TSE TUNG, Mao. **On Guerrilha Warfare**. Tradução para o inglês de Samuel B. Griffith II. 2.ed. Ed. Baltimore: The Nautical & Aviation Company of América, 1992. 168p.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. A Guerra do Golfo – uma análise político-estratégica e militar. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 112, n. 01/03 e 04/06, p.15-62, jan./ mar. e abr./jun. 1992.

WALZER, Michael. **Guerras justas e injustas**: uma argumentação moral com exemplos históricos. Tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 583p.

ANEXO A

Localização dos denominados Estados Falidos

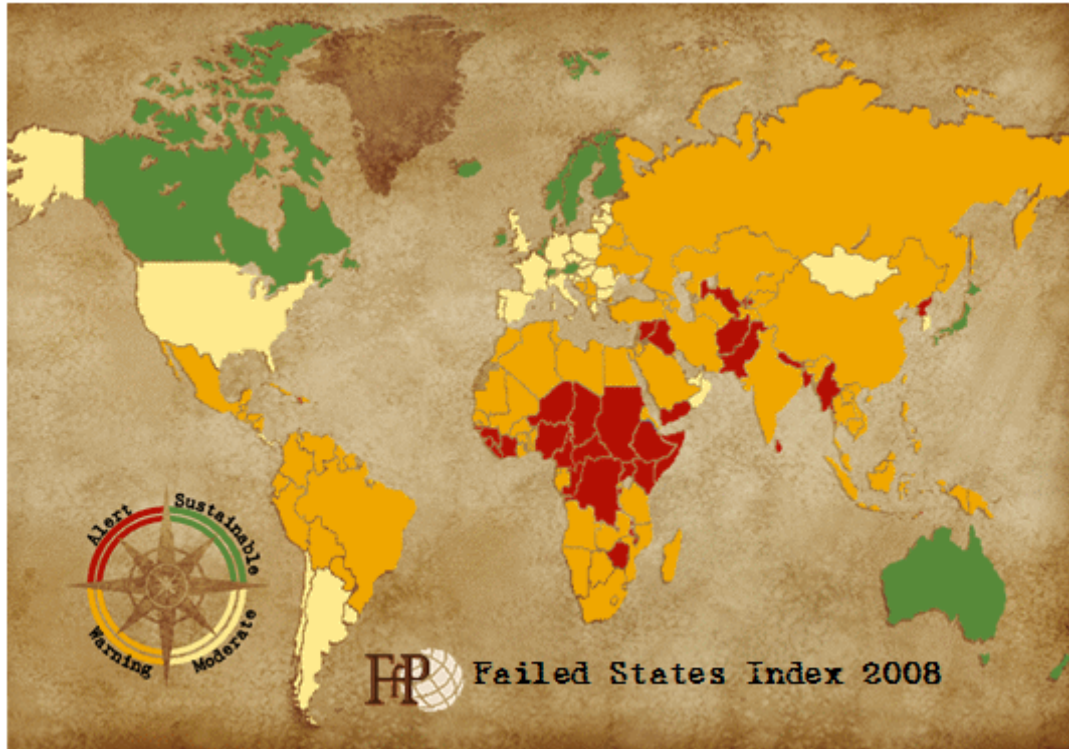


FIGURA 1: Estados Falidos 2008. Fonte: INDEX, 2008.

A classificação de alerta, descrita na legenda, expressa a condição falimentar em que se encontram os Estados (grifados em cor Vermelha), descritos abaixo.

Estados Falidos 2008			
1º	SOMÁLIA	19º	NIGÉRIA
2º	SUDÃO	20º	SRI LANKA
3º	ZIMBÁBUE	21º	YÊMEN
4º	CHADE	22º	NÍGER
5º	IRAQUE	23º	NEPAL
6º	REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO	24º	BURUNDI
7º	AFEGANISTÃO	25º	TIMOR LESTE
8º	COSTA DO MARFIM	26º	KÊNIA
9º	PAQUISTÃO	27º	CONGO
10º	REPÚBLICA CENTRO AFRICANA	28º	USBEQUISTÃO
11º	GUINÉ	29º	MALAWI
12º	BANGLADESH	30º	ILHAS SALOMÃO
13º	BURMA	31º	SERRA LEOA
14º	HAITI	32º	GUINÉ BISSAU
15º	COREIA DO NORTE	33º	CAMARÕES
16º	ETIÓPIA	34º	LIBÉRIA
17º	UGANDA	35º	SÍRIA
18º	LÍBANO		

ANEXO B

Conflitos Internacionais e Guerras Civas

Number of Conflicts in 20th Century

Civil vs Interstate Conflicts

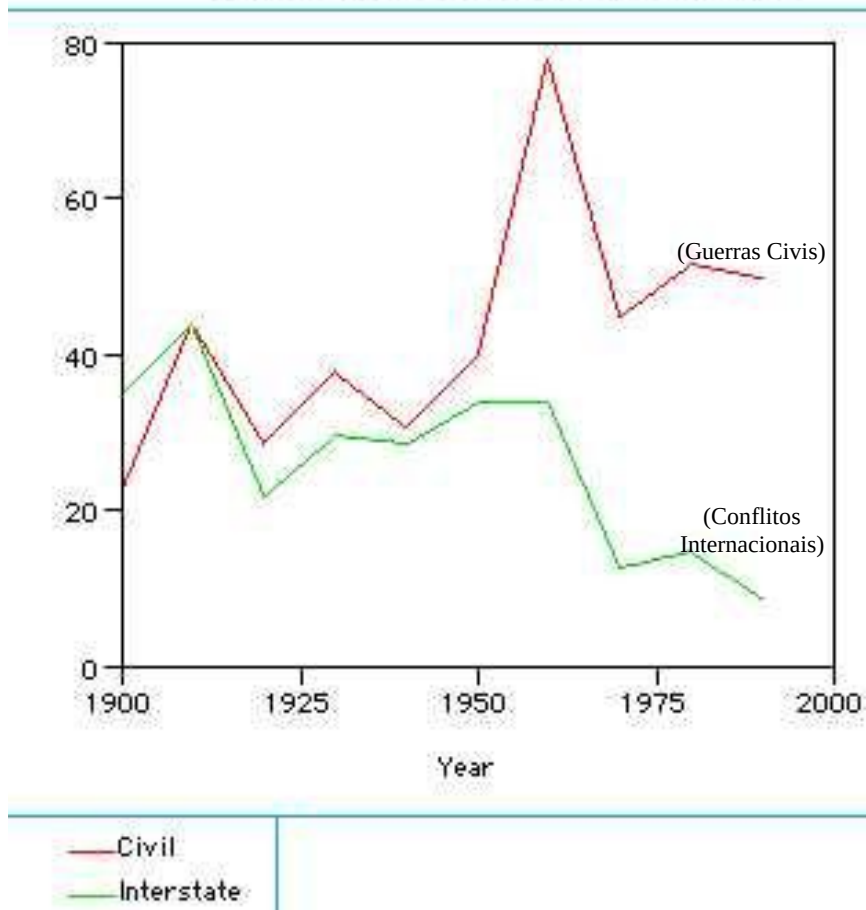


GRÁFICO 1 Conflitos Armados Internacionais entre Estados (Conflitos Internacionais) e Conflitos Intra-estatais (guerras civis). O gráfico expressa a tendência de diminuição do número de conflitos internacionais, a partir da segunda metade do século XX, porém, o número de conflitos intra-estatais mantém-se em patamares elevados (BRECKE, 1999).

Fonte: BRECKE, 1999.

ANEXO C

Tipos de guerra segundo Liang e Xiangsui

MILITAR	TRANSMILITAR	NÃO-MILITAR
Guerra Nuclear	Guerra Diplomática	Guerra Financeira
Guerra Convencional	Guerra em Redes Interativas	Guerra Comercial
Guerra Bioquímica	Guerra de Informações	Guerra de Recursos
Guerra Ecológica	Guerra Psicológica	Guerra de Ajuda Econômicas
Guerra Espacial	Guerra Tática	Guerra de Imposição Legal
Guerra Eletrônica	Guerra de Contrabando	Guerra de Sanções
Guerra de Guerrilha	Guerra ao Tráfico de Drogas	Guerra de Mídia
Guerra Antiterrorismo	Guerra Virtual	Guerra Ideológica

Fonte: Livro - Guerra Além dos Limites, 1999.

Quaisquer métodos operacionais, constantes da tabela acima, podem ser combinados entre si, de modo a constituir um método operacional totalmente novo.